

## “CAMILO MORTÁGUA” — UM ROMANCE DA BURGUESIA GAÚCHA

Zahidé Lupinacci Muzart \*

Para começar, devo dizer que li *Camilo Mortágua* <sup>(1)</sup> sem parar, tal qual um romance policial... Realmente, é um romance que prende e muito a atenção do leitor. Apesar de algumas quedas com as personagens secundárias (como Cilita e outros hóspedes da pensão), o leitor fica preso à trama, querendo saber o que acontece com Camilo X Mocinha, Camilo X Leonor, Joan e Plínio, os sobrinhos tão devotados, os filhos, e o estranho desaparecimento de todos, ficando o velho sozinho no final, povoando sua solidão com os pássaros mais menosprezados do planeta, os pardais. Tal como os pardais, Camilo é injuriado, vilipendiado e batido pela vida, por sua família, por seus conterrâneos. Numa espécie de “crime e castigo”, Camilo purga o crime de ter deflorado Mocinha e tê-la deixado para casar-se com o partidão que representava Leonor, filha do Comendador, diretor de banco. Verdade que por amor, por paixão.

O erotismo percorre o livro de ponta a ponta: muito bem dosado nas cenas de amor de Camilo, um pouco repetitivo quando se refere à Cilita, personagem de caracterização um tanto exagerada e não suficientemente plausível para convencer — contraditória e, muitas vezes, incongruente.

Há três mulheres amadas por Camilo. A pequena prostituta Nenete, o primeiro amor, “expert” nas artes de sua profissão e que vai reproduzir-se nas outras duas, pois, as três mulheres têm características em comum: todas muito dotadas para o amor, todas as três, belíssimas e ardentes. Dentre elas, pode-se dizer que a prostituída e Mocinha foram fiéis, leais. Já Leonor tem alma de cortesã, é uma mulher prostituta pelo dinheiro. Por certas características é uma personagem que faz lembrar a Teiniaguá (Luzia) de *O Continente*. Aliás, não é à-toa que Josué Guimarães é comparado a Érico. Às vezes pela temática, mas também, e muito, pelo desenho das personagens.

Em *Camilo Mortágua* — história da decadência de uma rica família latifundiária da fronteira do Rio Grande do Sul — isso está presente em algumas personagens: por vezes, em rápidos traços, essa intertextualidade se presentifica. Por exemplo, a matrona Dona Eudóxia, a alma do casarão da Independência, faz lembrar por sua coragem, sua ausência de lágrimas, sua fortaleza, a linhagem das matronas indômitas de Érico, sobretudo Bibiana, o coração do sobrado. Existem, é claro, diferenças entre as duas, entre as quais a mais notável é o fato de D. Eudóxia ceder a chefia do casarão à nora Leonor e Bibiana não o ter cedido nunca (antes, o ter conquistado penosamente...). Leonor e Luzia também sugerem um confronto: tal qual a Teiniaguá, Leonor é capaz de sadismo. Mas Luzia me

---

1 Josué Guimarães. *Camilo Mortágua*. L & PM Editora, 1980.

parece mais desenhada, mais aprofundada. E isso porque vemos, em *Camilo Mortágua*, a todas as personagens pelos olhos de Camilo-velho, que vê passar sua vida, em três sessões de cinema, num prenúncio da morte, e *O Continente* tem um narrador, em terceira pessoa, com uma visão de fora.

O romance se passa em 1964: do primeiro de abril ao cinco de abril. Temos cinco dias, onde se processa a vida atual do velho Camilo (entremeada de lembranças e reflexões sobre o passado) na mediocridade da pensão, entre pessoas igualmente mediocres que vêm, com indiferença, os acontecimentos de 64, mais preocupadas com o abastecimento, com o que vão comer ou com quem vão dormir... E temos três noites, quando Camilo vai ao cinema Castelo, na Azenha, assistir ao filme Cleópatra e assiste ao desfilarm de toda a sua vida, num filme mental intitulado: "Uma estranha Vida". É nesse rememorar da vida passada, a que ele presencia como se fosse algo externo, que Camilo vai ligando fatos, estabelecendo conexões e descobrindo as secretas razões de atitudes, palavras, gestos do passado.

O fato de o livro se passar em 64, aparece-me mais como um pretexto. Não há aparentemente necessidade alguma para tal visto não ser um livro de crítica à chamada revolução. A história poderia perfeitamente acontecer antes ou depois, sem grandes alterações. A não ser que o autor pretenda mostrar a completa alienação do povo, o desinteresse e a desinformação em relação ao movimento militar. Parece-me, inclusive, um tanto artificial. Mesmo a prisão de Camilo como bêbado e seu quase assassinato, na cadeia, por um dos presos. O romance não é um "romance comprometido", não é um romance de protesto. É um romance sobre a burguesia, sobre a classe média e seus problemas (problemas do homem, em geral): solidão, angústias várias, problemas existenciais, a morte e, sobretudo a alienação dos grandes problemas do país. O romance trata das questões de uma classe alienada e alienante. Por isso, é um romance um pouco fora de nossa problemática. É sobre uma classe improdutiva e para uma classe improdutiva que ainda tem ócios. Traz grandes descrições de ambientes, aliás faz ver, tal qual Balzac, muito bem os ambientes nos quais se passa a história e, nesse sentido, e também na análise do homem e suas contradições, inscreve-se, igualmente, na linhagem dos grandes realistas. Existe um painel da sociedade gaúcha, muito bem pintado, mas não aparece uma crítica maior dessa sociedade improdutiva e exploradora.

Há belas descrições minuciosas dos banquetes familiares, por exemplo:

"Terminado o almoço, as criadas tiraram todos os pratos, limpam a toalha rendada de farelos e migalhas, começando a trazer as grandes compoteiras de doces de coco com ovos, doce de abóbora em pedaços, com calda, doce de batata com coco, ovos queimados, quindins, torta de nata, pudins de laranja e de leite, cremes de frutas e um centro de mesa com frutas frescas, da época, apetitosas e coloridas" (p. 170).

Esse exagero todo pode, na nossa época inflacionária, parecer mentira, mas é um banquete que mostra as raízes do romance, bem plantadas no velho Rio Grande. Realmente, essas antigas famílias de estancieiros primavam pelo exagero e ostentação, sendo a economia aplicada apenas nos gastos com a criadagem.

Em relação a esse assunto, empregados, nota-se em todo o romance o tratamento paternalista conferido aos negros que ganhavam miseravelmente, mas viviam à sombra da “casa grande”, participando de toda a vida familiar. Não se chega a saber quantos empregados tinha a família Mortágua, mas eram muito numerosos. Somente, com a nova senhora, Leonor, vão os hábitos mudando. Os negros vão sendo despedidos, os empregados são brancos e uniformizados. Não há mais familiaridade nem interesse afetivo da parte de patrão x empregado, ou vice-versa.

Na linha dos romances realistas, *Camilo Mortágua* retrata muito bem uma vida de outrora, trazendo mesmo ao leitor um perfume de passado. Por exemplo:

“Meses depois, o velho Quirino na Estância do Capão Alto, D. Eudóxia gerindo quatro tachos de doces caseiros da época, no pátio, as negras com grandes pás, como remos, a mexer os tachos de cobre; Esmeralda ajudando a mãe, Camilo trepando num pé de marmeleiro arrancando os frutos ainda, enquanto lá embaixo Aníbal e Plínio aparavam o que caía sustentando uma lona velha, que a mãe não queria frutas rachadas. Era um sábado luminoso de abril e muitas borboletas voavam tontas pela fumaça das fogueiras crepitantes sob os tachos, a fumaça tocada pela brisa a encher de lágrimas os olhos das mulheres” (p. 76).

O romance, desde que se torna o “filme”, apresenta os hábitos, a vida social, em suma, quase de uma maneira linear. Vai num decrescendo de opulência à decadência: grandes banquetes a refeições modestas, onde Joan é a cozinheira; enxovais e casamentos suntuosos a pequenos enlacs, sem alarde; decorações pretensiosas e luxuosas ao mínimo indispensável. Então a decadência vai se instalando, vai corroendo as relações e a essa decadência exterior temos, paralelamente, a decadência interior — uma correspondendo à outra. Fim do amor e da lealdade: os filhos só exploram os pais, a mulher engana o marido e o despreza por sua inação, não há mais amigos, Camilo é traído pelo sócio. Só permanece a fidelidade quase canina de Mocinha.

Camilo, um herói que corresponde à concepção de Lucien Goldmann, do “herói problemático” e, também a do herói fracassado que dominará o romance brasileiro, a partir de 1930.

Vai Josué Guimarães compondo, pouco a pouco, na trilha aberta por Érico Veríssimo, o imenso painel da sociedade burguesa gaúcha. Depois do magnífico *A Ferro e Fogo — Tempo de Solidão* (1972), e o muito bom *Os Tambores Silenciosos* (1977), passando pelos fracos *Dona Anja* e *Enquanto a noite não chega*, vemos um salto qualitativo na sua ficção com *Camilo Mortágua*, onde as qualidades temáticas juntam-se às qualidades de estilo do autor, no tratamento da linguagem.

\* Dra. em Letras  
Professora na UFSC